



---

# RESSONÂNCIAS MEDIEVAIS NO FEMININO CONTEMPORÂNEO: OS MODELOS DE FEMINILIDADES DO MEDIEVO E SUA RELAÇÃO COM A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Rodolpho Alexandre Santos Melo Bastos\*

## RESUMO

O presente trabalho pretende discutir a construção do imaginário social feminino que ecoa sobre as mulheres nos séculos XX e XXI, fortemente influenciado pelos modelos de feminilidade presentes no período medieval. Os referenciais considerados como negativos são: Lilith e Eva, personagens do imaginário católico cristão, demonizadas e depreciadas. A virgem Maria e Maria Madalena, ao contrário, representam condutas que partem do recato, pureza, arrependimento e penitência, e, portanto, seriam a única forma de alcançar a salvação. Para identificar tais figuras como amplificadores da construção do feminino ideal na cultura cristã-católica, serão utilizados como marco teórico-metodológico as discussões sobre os conceitos de imaginário e representações sociais, perpassando pelas relações de gênero, com o intuito de ancorar nossa proposta de análise.

**Palavras-chaves:** Gênero; Cristianismo; Representações Sociais.

## MEDIEVAL RESONANCES IN CONTEMPORARY FEMININE: THE FEMININITIES MODELS OF THE MIDDLE AGES AND ITS RELATION TO VIOLENCE AGAINST WOMEN

### ABSTRACT

This paper discusses the construction of women's social imaginary that echoes on women in the XX and XXI centuries, strongly influenced by the models of femininity present in the medieval period. The references considered negative are: Lilith and Eve characters of the

---

\* Doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e integrante do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais (Meridianum-UFSC).



Christian Catholic imaginary, demonized and devalued. The Virgin Mary and Mary Magdalene, by contrast, represent conduits departing from modesty, purity, penance and repentance, and therefore would be the only way to achieve salvation. To identify such figures as amplifiers of the building of the feminine ideal in the Christian-Catholic culture will be used as a theoretical and methodological framework discussions on imaginary concepts and social representations, passing by gender relations, in order to anchor our analysis proposal.

**Key-words:** Genre; Christianity; Social Representations.

## **RESONANCIAS MEDIEVALES EN FEMENINA CONTEMPORÁNEA: LAS FEMINIDADES MODELOS DE LA EDAD MEDIA Y SU RELACIÓN CON LA VIOLENCIA CONTRA LAS MUJERES**

### **RESUMEN**

En este trabajo se analiza la construcción del imaginario social de la mujer que se hace eco de las mujeres en los siglos XX y XXI, fuertemente influenciado por la feminidad de los modelos presentes en el período medieval. Las referencias consideradas negativas son: Lilith y Eva personajes del imaginario cristiano católico, demonizado y devaluada. La Virgen María y María Magdalena, por el contrario, representan conductos que salen modestia, pureza, la penitencia y el arrepentimiento, y por lo tanto sería la única manera de lograr la salvación. Para identificar estas figuras como el ideal femenino de los amplificadores de construcción en la cultura cristiana-católica será utilizado como un marco teórico y las discusiones metodológicas sobre conceptos imaginarios y representaciones sociales, pasando por las relaciones de género, con el fin de anclar nuestra propuesta de análisis.

**Palabras clave:** Género; Cristianismo; Representaciones Sociales.

### **INTRODUÇÃO**

Constantemente somos bombardeados pela imprensa acerca de diversos casos que relatam algum tipo de violência contra a mulher, seja ela física ou moral. Entretanto, a veiculação de notícias dessa natureza não se restringe apenas a esses meios de comunicações, que também são largamente divulgadas por meio das redes sociais, em conversas entre amigos, familiares ou vizinhos.

Recentemente um desses casos de agressão moral veio à tona, quando um promotor público foi denunciado por humilhar uma vítima



de estupro que, aos 14 anos de idade, engravidou do próprio pai, tendo autorização da justiça para realizar o aborto, assegurado pela lei. Um ano após denunciar o pai (que já estava preso), como seu agressor, quis mudar o depoimento, ao que parece, por pressão da família. Segundo a notícia do site da revista *Exame*, escrita pela jornalista Valéria Bretas, publicada pela Editora Abril, o promotor assim se pronuncia para a garota:

“Tá, assim ó, tu pegou e tu fez, tu já deu um depoimento antes (...), tu fez eu e a juíza autorizar um aborto e agora tu te arrependeu assim? Tu pode pra abrir as pernas e dá o rabo pra um cara tu tem maturidade, tu é auto suficiente, e pra assumir uma criança tu não tem? Sabe que tu é uma pessoa de muita sorte, porque tu é menor de 18, se tu fosse maior de 18 eu ia pedir a tua preventiva agora, pra tu ir lá na FASE, pra te estuprarem lá e fazer tudo o que fazem com um menor de idade lá” (Promotor *apud* BRETAS, Valéria, 2016).

Nesse encaixo, também é comum se deparar com relatos sobre agressões e abusos de maridos/namorados em relação a suas companheiras, como foi o caso da adolescente de 16 anos de idade que foi estuprada por trinta rapazes (caso que ficou conhecido por causa da exposição de fotos dos próprios autores do crime em redes sociais). Esse episódio teve grande repercussão e comoção nacional, sendo noticiado por vários meios de comunicação, circulando também por jornais impressos e causando acirrados debates sobre sexualidade e moralismo nas redes sociais. Segundo o site do G1 Rio da *globo.com*, a vítima ainda “descobriu que imagens suas, sem roupas e desacordada, circulava na internet”.<sup>1</sup> Os agressores, em ambos os casos, são homens e, entre eles, há adolescentes e adultos.

As mulheres ocidentais, o que inclui o Brasil, estão inseridas dentro de um contexto social que partilha de uma cultura patriarcal, que tende a afastá-las de quaisquer posições de liderança ou decisões, forjando mecanismos para silenciá-las ou submetê-las, produzindo, assim, um

---

1 G1 RIO. Vítima de estupro coletivo no Rio conta que acordou dopada e nua. *G1 globo.com*. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-conta-que-acordou-dopada-e-nua.html>. Acessado em 10/09/2016.



imaginário social feminino, como acontece na maioria das sociedades de tradição judaico-cristã. Nesse sentido, as mulheres são identificadas conforme uma série de atributos de depreciação, por vezes relacionando-as à sexualidade, imoralidade e irracionalidade, ligada aos sentidos, intuição e ao corpo. As sociedades do patriarcado concedem ao homem certo poder de inferir maus-tratos, abusos, exclusão e dominação as mulheres sendo que, segundo Emílio Willems (1977), é um tipo de organização social caracterizado não apenas pela autoridade doméstica do pai, mas também e de uma maneira geral, pelo *status* de superioridade política dos homens e a consequente exclusão da mulher da vida pública.

Mas antes de debruçarmos sobre as questões inerentes às sociedades patriarcais, sobretudo, o imaginário social feminino referente à tradição judaico e cristã, é interessante perceber o que é imaginário social. Robert Muchembled (2001) o denominou como um fenômeno coletivo que se constrói sobre a realidade e é produzido pelos múltiplos canais culturais que irrigam uma sociedade, não se configurando em um tipo de véu metafísico divino. O imaginário seria uma espécie de maquinaria escondida sob a superfície das coisas, poderosamente ativa, porque cria sistemas de explicação e motiva igualmente ações individuais e coletivas. Para Sandra Jatahy Pesavento (1995, p. 15), “o imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade”.

As representações em torno do feminino costumam marcar as mulheres dentro dessa tradição patriarcal, de acordo com seus preceitos e estão inseridas em todos os meios de veiculação de informação e comunicação do tecido social, principalmente por meio das iconografias, literatura, músicas, artes plásticas e visuais, teatro, cinema, novelas, entre outros.

Entendemos como representações aquilo que, segundo Roger Chartier (1990), organiza as formas como o mundo social é apreendido, como categorias de percepção do real, sendo determinadas pelos interesses dos grupos sociais que a construíram. Elas são as produções dos saberes sociais, um modo de interpretar a realidade social, fornecendo sentido. Para Denise Jodelet (2001, p. 17), as representações sociais circulam nos discursos e são carregadas pelas palavras, veiculadas nas



mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais.

Com isso, o modo de pensar e interpretar “a mulher” em determinada sociedade repercute nas formas como os papéis de gênero são apresentados, traduzido em um imaginário social feminino. Para Tânia Navarro Swain (1994), no imaginário marcado pelas relações entre os sexos e a formação de seus papéis sociais e suas representações, há a construção das relações de poder, em que nas sociedades ocidentais existe a predominância da dominação masculina, forjada como natural. Isso contribui para que esse imaginário social feminino se naturalize e adquira valor de verdade, atuando como justificativa e legitimação para todo tipo de ordenamento de controle político e jurídico.

Dessa forma, os dois casos de violência relatados (como muitos outros) envolveram o corpo, o sexo e a sexualidade feminina, objetificando-as e submetendo-as aos homens. Quando nos referimos à cultura do estupro, por exemplo, esse imaginário social sobre as mulheres é ainda mais grave. Para Márcia Pinna Raspanti (2016), quando esse tipo de crime é noticiado, existe uma tendência a investigar sobre a vida da vítima, por muitas vezes deixando o agressor de lado. Muitos afirmam que elas “mentiram” ou que “estavam querendo” e questionam se a vítima era “boa moça”. Qualquer alegação dos acusados, tende a ser tomada como verdade absoluta, enquanto as afirmações das vítimas são sempre encaradas com desconfiança.

Ainda de acordo com a autora, na pesquisa feita pelo Datafolha, encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e divulgada em setembro, um em cada três brasileiros concorda que a mulher vítima de estupro é, de alguma forma, responsável pela violência sexual sofrida. Trinta por cento concordam que “A mulher que usa roupas provocativas não pode reclamar se for estuprada” (Márcia Pinna RASPANTI, 2016, p. 1).

Mas qual discurso legitima essa desconfiança em relação ao feminino e que seu corpo (vestido ou desnudo) pode ser tomado a força? Que imaginário social é esse que, por tantas vezes, descredibiliza as mulheres? Quais as motivações que permitem que esse imaginário social feminino seja tão forte na sociedade? Qual a historicidade desse imagi-



nário sobre as mulheres que a submete, inferioriza, demoniza, exclui, objetifica, violenta e que a toma como fraca e estúpida?

Muitos discursos não só legitimam, mas produzem ressonâncias que perpetuam esse imaginário em relação ao feminino, criando uma atmosfera misógina na sociedade, como o discurso da era medieval-cristã, racionalista do Iluminismo e o discurso médico e cientificista do século XIX e início do século XX. Para Raquel Sohiet (2002, p. 34):

De acordo com a maioria dos filósofos iluministas, paixão, imaginação, mas nunca a razão, constituíam-se em qualidades das mulheres. Não seriam capazes de criar, e, mesmo quando conseguissem ter acesso à literatura e a determinadas ciências, estariam excluídas da genialidade [...]. Tais pressupostos difundem-se e ganham força durante o século XIX, adquirindo respaldo científico. Segundo a medicina social, por razões biológicas, fragilidade, o recato, o domínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal, constituíam-se em características femininas.

Apesar de perceber que de tempos em tempos há uma mudança na filosofia desse pensamento, para este estudo vamos nos concentrar na reconstrução do discurso teológico religioso, principalmente o de tradição judaico-cristã desenvolvido na Idade Média, e que encontra eco até os dias atuais no imaginário social feminino. Nosso objetivo, contudo, não é relacionar os discursos misóginos durante o período medieval com a cultura de estupro, pelo menos não diretamente, e sim demonstrar como esses discursos, notadamente os clericais, contribuíram para reforçar uma tradição patriarcal, legitimando inúmeras formas de violências contra “a mulher”, produzindo estereótipos e mitos sobre elas, como seres malignos e agentes de Satã e que, por isso, deveriam ser repreendidas.

Ao tratar de uma Idade Média e um imaginário sobre as mulheres, reportamo-nos a uma temporalidade estendida para compreender a forma como as mulheres foram pensadas e tratadas nesse período. Por isso vamos atravessar a Idade Média, por meio dos discursos construídos principalmente pelos clérigos, para reconhecer uma tendência de pensamento sobre as mulheres, pois, como afirma Vânia Nara Pereira Vasconcelos (2005), do século III ao XIII, foram os homens da Igreja que



investiram em escritos religiosos que sedimentaram representações femininas, eles que deveriam viver completamente afastados delas.

Os discursos clericais medievais estão repletos de referências negativas em relação às mulheres. Para Eliane Ventorim (2005), durante esse período, “a mulher” era considerada um ser muito mais próximo da carne e dos sentidos e, por isso, uma pecadora em potencial, pois todas elas descendiam de Eva, a culpada pela queda do gênero humano, como veremos mais adiante.

Ocorre que durante a Idade Média há um investimento discursivo em torno da figura feminina, pois se trata de uma época perpassada pela misoginia. Com isso, as representações em torno das mulheres tendem a relacioná-las à entidade demônio, embora exista uma oportunidade de redenção, mas remetendo a mulher a posições de inferioridade e submissão em relação ao homem.

Surgiram assim, durante o período medieval, modelos de feminilidades para as mulheres que se ancoravam em figuras míticas da Bíblia. Esses modelos remetem a uma dicotomia, ou seja, temos de um lado um modelo que as mulheres devem se afastar, pois é demonizado e combatido pelos padres da Igreja, por ter sido a mulher a culpada pela expulsão do casal do paraíso, tendo no seu sexo e sua sexualidade a marca decaída da humanidade. Temos assim o modelo referente a Eva.

De outro lado, temos o modelo mariano, através de Maria, mãe de Jesus como referencial que as mulheres devem buscar se espelhar para encontrar salvação, redenção e ter acesso ao paraíso. Maria é o modelo feminino que redime as mulheres do pecado original cometido por Eva, fornecendo às suas descendentes uma possibilidade de se retratarem dessa mácula anterior. Essa é a dicotomia entre “a mulher boa” e “a mulher má” que prevalece há muito tempo no imaginário ocidental, embora Eva e Maria não sejam os únicos modelos de feminilidades que têm força na Idade Média, como veremos a seguir.

## **AS MULHERES DE ADÃO OU DO DEMÔNIO? REBELDIA E DESOBEDEIÊNCIA COMO FERRAMENTA DE CONDENÇÃO**

Os clérigos se apoiaram no livro de Gênesis da Bíblia, especificamente, na parte que descreve o *Pecado Original* a qual culpabiliza Eva,





e assim passaram a inferiorizá-la, ancorando-se também no fato de ela ter sido criada da costela de Adão. Acreditava-se que Eva foi criada com a única função de procriar (um discurso que sobrevive até os dias atuais pelas autoridades religiosas). No relato bíblico sobre a criação do Homem, Deus criou Adão e deu-lhe vida soprando em suas narinas, e da sua costela fez Eva.

Comeste, então, da árvore que te proibi de comer! O homem responde: “A mulher que puseste junto de mim me deu da árvore, e eu comi!” Iahweh Deus disse à mulher: “Que fizeste?” E a mulher respondeu: “A serpente me seduziu e eu comi.” [...] Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre a tua linhagem e a linhagem dela. Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar. “Multiplicarei as dores de tuas gravidezes, na dor darás à luz filhos. Teu desejo impelirá ao teu marido e ele te dominará” (BÍBLIA, Gênesis, 3: 11-16).

Os teólogos medievais se basearam nessa narrativa para construir seus discursos misóginos e relacionar a mulher ao demônio. Eva é extraída de uma costela do homem e seu caráter de subordinação logo se configura. Ela é um subproduto da criação, enquanto o homem é criado diretamente por Deus. Eva, por ter sido criada da costela de Adão, faz que a mulher seja relacionada com o corpo, a carne, o sexo e ao pecado. O homem, por ter adquirido a vida por um sopro divino, estaria mais próximo a Deus e a tudo o que é espiritual. Além disso, a mulher é posta, por Deus, como “auxiliar” do homem, transformando-a em sua servidora, com a obrigação de obedecê-lo.

Nesse sentido, Jacques Dalarun (1990) em seu texto “Olhares de Clérigos” resgata esses discursos referentes ao feminino, pelos homens ligados a Igreja. Ele menciona Tertuliano (223 d.C.), que, dirigindo-se a todas as mulheres, exclama: “Não sabes tu que és Eva, ti também? Tu és o Diabo, tu consentiste na sua árvore, foste a primeira a desertar da lei divina” (TERTULIANO *apud* DALARUN, 1990, p. 35). Também recorre a Odão de Clunny, que (942 d.C.), retomando a advertência de João Crisóstomo (407 d.C.) dizia: “A beleza do corpo não reside senão na pele. Com efeito, se os homens vissem o que está debaixo da pele, a vista das mulheres dar-lhes-ia náuseas... Então, quando nem mesmo com a ponta dos dedos suportamos tocar um escarro ou um excremento,





como podemos desejar abraçar esse saco de excremento?” (CLUNNY *apud* DALARUN, 1990, p. 35).

Nesse diapasão, Jean Delumeau (1990) informa que Petrarca, no século XIV, identifica a mulher como um verdadeiro diabo, uma inimiga da paz, uma fonte de impaciência, uma ocasião de disputas das quais o homem deve manter-se afastado se quer gozar a tranquilidade (PETRARCA *apud* DELUMEAU, 1990). Pedro Custódio (2010), por sua vez, comenta que o corpo feminino durante o medievo, com suas especificidades fisiológicas, era motivo de repulsa. O autor relata que na obra *Etimologia*, de Isidoro de Sevilha (560-636), é comentado “o poder destrutivo, maléfico e monstruoso do mênstruo”. O autor relata também que o papa Inocêncio III (1161-1216), no livro *De miseria condicionis humanae*, afirmou que esse poder provocaria doenças no homem, morte das plantas, loucura nos cães e ferrugem.

Eva foi criada a partir de uma costela de Adão, nascida do homem, ou seja, é o homem que dá à luz a mulher, algo que é contrário à natureza/biologia/fisiologia humana. Séverine Fargette (2006, p. 62) diz que a criação de Eva a partir da costela de Adão é interpretada como origem da maldade feminina: “é esse osso que correspondia exatamente ao espírito pérfido da mulher”. Nessa concepção, nota-se a inferioridade da mulher que nasce depois do homem, não sendo criada diretamente por Deus.

Para Howard Bloch (1995), enquanto o homem foi criado diretamente por Deus, com quem partilha a divindade e é associado ao espírito ou à alma, a mulher, desde o início, foi associada à inferioridade, ao corpo, à matéria: marca da condição decaída da humanidade, pois é feita a partir do homem e entendida como um subproduto da obra divina.

Para João Pires (2015), o fato de Eva ter sido tentada e enganada serviu para legitimar a mentalidade da mulher como fraca e estúpida. Fato que justifica a suposta superioridade masculina em detrimento do feminino. A falta de inteligência pertence às mulheres e a razão aos homens. As mulheres, todas descendentes de Eva, possuíam uma tendência natural de se corromper, pela sua fraqueza e estupidez por ter sido enganada pela serpente.

Eva desestabilizou a relação do homem com Deus, portanto, é um ser destrutivo. Assim, a desobediência de Eva transmitirá às suas descen-



dentos o estigma de portadoras do mal e agentes de Satã. As mulheres têm na sua sexualidade a marca da decadência da humanidade, pois no Paraíso não havia desejo carnal e, por isso, passam a ser vistas como figuras diabólicas. A relação mulher/corpo/sexualidade passa a existir com a transgressão feminina.

Eva também transmite outra característica para as mulheres, de acordo com os clérigos: a tagarelice. Foi por um pedido de Eva que Adão aceitou o fruto proibido e, por isso, foi considerada enganadora (Howard BLOCH, 1995). É nessa recriminação em ouvir o discurso feminino que se fundamenta a proibição da pregação feminina nos altos cargos clericais.

Os padres medievais que, por causa do celibato, instituído por volta do ano 1000, são vistos como homens não sexuados, também precisavam convencer-se de que a mulher é um agente de Satã na Terra, para ficarem longe delas, pois são fontes de tentação, sedução e, como assinalou Georges Duby (2001), é no sexo que tem origem de toda a transgressão da lei divina. Diante desse quadro, alguns padres aconselham o casamento como uma forma de defesa para os homens. O papel da mulher nessa instituição é de servir o homem, podendo sofrer todas as humilhações, senão logo trará discórdia ao leito matrimonial.

Os discursos referentes a Eva transmitiram alguns estereótipos às suas descendentes, tais como: Orgulho, pois se deixou encantar com a fala da serpente que lhe disse que, se comesse do fruto, seria igual a Deus; Desobediência, pois a mulher transgrediu as ordens dadas pelo Criador; Sensualidade e influência, porque a mulher persuadiu e encantou o homem através de seus atributos físicos; Maligna, pois sua transgressão levou à expulsão do paraíso e a uma vida de sofrimento, entre muitos outros.

O pecado de Eva, no final, é um pecado contra as mulheres, pois transforma sua natureza em algo perverso. Embora Eva seja entendida pela tradição judaica-cristã como a primeira Mulher, existe outra figura feminina que a antecede: Lilith.

Lilith teria sido a primeira mulher de Adão, criada diretamente por Deus. De acordo com Roberto Sicuteri (1985, p. 12) ela pertence à tradição dos testemunhos orais reunidos “nos textos da sabedoria rabínica



definida na versão jeovística, que se coloca lado a lado, precedendo-a de alguns séculos, da versão bíblica dos sacerdotes”, bem como a tradição judaica medieval. Contudo, logo ela entra em conflitos com Adão, pois não aceita se submeter ao homem.

Algumas versões relatam que, durante a criação de Lilith, foi utilizado barro puro e outras imundícies. Para Silvia Tubert (1996, p. 96) “Deus criou Lilith, a primeira mulher, assim como havia criado Adão, porém, ao invés de barro puro, usou imundícies e areia”.

Existe muita especulação dos motivos pelos quais Lilith foi retirada/removida dos relatos bíblicos como a primeira mulher de Adão. Para Marcelo Fábio Faria (2009), acredita-se que Lilith fora retirada das narrativas bíblicas por exigir uma igualdade entre os sexos. Para Kelly Thaisy Cabral Lopes e Fabrício Possebon (2014), provavelmente a remoção de Lilith das escrituras canônicas pode ser explicada pelo fato da sua imagem não estar em concordância com a ideal para as mulheres. Janet Howe Gaines (2012, p. 1) pontua que:

Por 4.000 anos Lilith vagou a terra, figurando nas imaginações míticas de escritores, artistas e poetas. Suas origens obscuras estão na demonologia babilônica, onde amuletos e encantamentos foram usados para contrariar os poderes sinistros deste espírito alado que atacavam mulheres grávidas e crianças. Lilith seguinte migrou para o mundo dos antigos hititas, egípcios, israelitas e gregos. Ela faz uma aparição solitário na Bíblia, como um demônio deserto evitado pelo profeta Isaías. Na Idade Média, ela reaparece em fontes judaicas como a primeira esposa de Adão terrível.

Ainda para Gaines (2012), Lilith assumiu, na Idade Média, novas características de sua origem babilônica, principalmente quando *O Alfabeto de Ben Sira* foi introduzido na tradição judaica medieval. Esse alfabeto é um antigo texto da versão hebraica sobre o caráter de Lilith, datado entre 700 e 1000 d.C., que mostra a versão mais antiga da história rabínica em relação a Lilith e Adão, relativa a Gênesis.

Em suma, Lilith protesta contra as imposições de seu companheiro, questionando os motivos pelos quais teria de deitar-se por baixo de Adão. “Assim perguntava a Adão: ‘– Por que devo deitar-me embaixo de ti? Por que abrir-me sob teu corpo?’ [...] Mas Lilith insiste: ‘– Por



que ser dominada por você? Contudo eu também fui feita do pó e por isto sou tua igual” (SICUTERI, 1985, p. 24). Adão, por meio da força, obriga-a a fazer suas vontades e Lilith “pronunciando o nome mágico de Deus, elevou-se no ar e abandonou-o” (Silvia TUBERT, 1996, p. 96). Assim, segundo Séverine Fargette (2006), sob a forma de um demônio feminino, caem sobre ela todos os estereótipos diabólicos possíveis. A partir desse episódio é que acontece a criação de Eva.

Lilith se refugia junto ao mar Vermelho, morada de demônios lascivos, em que dava à luz a mais de cem *lilim* (demônios) por dia. Anjos tentaram buscá-la e devolvê-la a Adão, mas ela se recusou, argumentando que Deus tinha lhe ordenado o cuidado com os recém-nascidos. Em relação aos meninos, ela teria poder sobre eles até o oitavo dia (circuncisão) e no caso das meninas, por vinte dias. De toda forma, Lilith matava-os, toda vez que podia, mas também jurou poupar a vida das crianças sempre que avistasse os mensageiros de Deus. De acordo com Roque de Barros Laraia (1997, p. 151), “Lilith foi transformada em um demônio feminino, a rainha da noite, que se tornou a noiva de Samael, o Senhor das forças do mal”.

Para Lopes e Possebon (2014), Lilith segue por sua liberdade quando é surpreendida pela notícia que surge a segunda mulher de Adão, aquela que nasceu retirada de seus ossos, submissa e diferente dela. Para os autores, existem relatos de que ela teria sido a serpente que influenciou Eva, o que poderia ser interpretado como uma intervenção contra a submissão feminina.

Lilith também coleciona alguns estereótipos, por conta de sua conduta heterodoxa em relação ao homem, como: Devoradora de crianças e espermatozoides lançados em vão; Mãe de crianças mortas, porque dava à luz todos os dias e Pervertida, pois estava relacionada ao mal inerente em atos de depravação, homossexualidade e o que seria denominado de abuso do corpo. Como pontuou Marcelo Faria (2009), com a perfeição que *lahweh* dá as suas criações, a beleza de Lilith é que rege seu maior pecado: a Vaidade, além de ser a exilada e aliada dos anjos caídos.

As duas mulheres de Adão foram relacionadas ao mal e condenadas. Segundo Swain (1994), Lilith é a mãe dos demônios, atormentadora dos



mortais. Eva é a inconsciente, a pecadora, a causadora da queda e do pecado. As bruxas da Idade Média e Moderna representam a cristalização desse imaginário sobre a mulher, criando um princípio feminino de inferioridade “natural” e social, marcados biologicamente e aliada à imagem de seres obscuros, malignos e místicos. Todavia, a imagem de uma mulher nascida do homem é muito mais atraente para a Igreja, pois remete à sua inferioridade.

Enquanto Lilith foi depreciada por ter sido criada diretamente por Deus e que se rebelou diante da imposição masculina, reivindicando liberdade, igualdade e os mesmos direitos que o homem, características que a Igreja repudiava. Eva foi demonizada e inferiorizada, por ter sido fraca e se deixado corromper pela serpente, fato que é associado às condições de seu nascimento.

Lilith é censurada e removida da tradição e do imaginário, ou seja, não está em concordância com o ideal para as mulheres. Para Sicuteri (1985), Eva exprime a aceitação e é mais agradável ao Pai e à Lei, sendo mais adequada como “Mulher”, pois não demonstrou o combate por igualdade. Todavia, assim como Lilith, Eva também será inexoravelmente fonte de pecado, perversão e relacionada ao Diabo.

Simultaneamente, constrói-se o estereótipo do masculino, em oposição ao feminino. Ao homem, foram atribuídas características que o valorizavam, como a retidão, a honra, a espiritualidade etc. À mulher, a desonra, a mentira, a confusão, a sedução, a tendência ao pecado etc. Esse imaginário religioso contribui para legitimar o acesso do homem ao espaço público, enquanto a mulher era responsável pelo ambiente privado, onde se tornava menos perigosa.

O cristianismo utiliza o imaginário de Eva para a construção ideológica da inferioridade da mulher, colocando-a como fonte de todo mal. Foi com o advento da exaltação do culto a Virgem Maria, como novo modelo de feminilidade, que as filhas de Eva encontram alguma redenção. Pois era preciso enquadrar a mulher em algum lugar no plano divino ou na economia da salvação cristã. Nesse sentido, Dalarun (1990), em obra já citada, recorre a Isidoro de Sevilha (560-636 d.C.) que afirmava que “Eva é Vae, a desgraça, mas também vita, a vida”, o autor recorrendo também a São Jerônimo (347-420 d.C.) que propunha:



“Morte por Eva, vida por Maria”. Dalarun (1990) ainda resgata Santo Agostinho, que diz: “Pela mulher a morte, pela mulher a vida”.

## **AS MULHERES DA VIDA DE CRISTO: VIRGINDADE E ARREPENDIMENTO COMO INSTRUMENTOS DE SALVAÇÃO**

Embora houvesse, como postulou Dalarun, uma espécie de movimento de valorização ao culto a Maria nos primeiros séculos do cristianismo, é no século XII, segundo José Rivair Macedo (2002, p. 70), a época do impulso mariano, o tempo pleno de Nossa Senhora, que surgiu como redentora para as mulheres, libertando-as da maldição da queda. Esse é o momento em que “celebram o regozijo do sexo feminino com a ‘nova Eva’, a mulher símbolo da pureza, da grandeza e da santidade”. De acordo com Dalarun (1990, p. 42), “a boa Maria deu à luz a Cristo, e em Cristo deu à luz os cristãos. É por isso que a mãe de Cristo é a mãe dos Cristãos e manifesta-se que Cristo e os Cristãos são irmãos”.

A partir do século XIII, percebe-se que os franciscanos tomaram a dianteira em favor de difundir a virgem.

...três Franciscanos – Alexandre de Hales (1245), Boaventura (1274) e João Duns Escoto (1308) – e dois Dominicanos – Alberto Magno (1280) e Tomás de Aquino (1274) levados à reflexão pela sua devoção a concepção da virgem lançaram, em meio século, as bases teóricas que permitiram o aperfeiçoamento dos dois últimos grandes dogmas marianos: a santificação de Maria que não era antes senão purificação e a reparação do pecado original em benefício excepcional da mãe do Salvador. Mas com Duns Escoto se transforma numa preservação de toda a mancha desde a origem, e que conduz directamente à Imaculada conceição; a sua assunção corporal ao céu que não é a ausência de morte, mas o afastamento de toda a putrefacção. Na concepção como no pensamento, Maria escapa ainda um pouco mais à condição humana (Jacques DALARUN, 1990, p. 55).

Para Vasconcelos (2015), Maria representa a mulher pura, assexuada, e que foi capaz de conceber sem pecar. Eva carrega o castigo na sua sexualidade e Maria a redime, mostrando que é possível à mulher cumprir o seu papel de procriadora, sem exercer o desejo carnal. Mas Maria é apenas um ideal (no sentido platônico), o qual as mulheres



comuns nunca alcançarão. Para os padres da Igreja, é preciso perseguir esse modelo. Ainda que não seja possível conceber virgem, é necessário conceber sem prazer sexual.

Raquel Lima e Igor Teixeira (2008) dizem que Maria acreditou na anunciação do anjo e obedeceu aos desígnios divinos. Concebendo sem pecado, tornou-se o protótipo idealizado do feminino e destaca-se pela pureza sexual e pela maternidade. Por intermédio dela, a Igreja conseguiu oferecer uma espécie de saída e redenção às mulheres, descendentes de Eva. Se a mulher não seguisse o ideal da virgindade e castidade, era preferível, então, que se casasse para ser esposa (servir ao homem) e, principalmente, ser mãe.

Maria, de certa forma, liberta e redime as mulheres, principalmente do imaginário referente ao pecado original que culpabiliza Eva, mas não consegue livrá-las do estigma da inferioridade, restringindo-as ao espaço da família (maternidade) e do lar (ambiente doméstico), afirmando a necessidade dos atributos de subserviência. No tocante a Eva, as mulheres são reprimidas, enquanto em Maria as mulheres são controladas.

A mãe de Cristo é a porta-voz das ordens do Pai, com a intenção de legitimar a autoridade do homem por meio da mulher. Para Swain (1998, p. 51), o cristianismo “reintroduz no imaginário a figura da deusa – afastada do poder da criação – através do culto a Maria que reúne, paradoxalmente, os ideais construídos para a mulher na ordem do pai: Virgem e Mãe”.

Maria aparece em socorro aos homens, porque além de delegar às mulheres um papel secundário na sociedade, contribuiu para que elas fossem as maiores difusoras dos seus valores. Todavia, a construção da devoção e culto mariano e de seus atributos como referenciais para as mulheres corresponde aos anseios da Igreja (e mais tarde a Católica), de produzir um ícone feminino divino que não questione a ordem estabelecida, ou seja, o cristianismo, que com seu deus único e macho, relegou às mulheres um papel secundário na sociedade, limitando seus espaços de atuações.

Silvia Tubert (1996) pontua que a apoteose de Maria, como segunda Eva, declarada igual ao segundo Adão (Jesus), objetivava redimir a humanidade de seus pecados, uma vez que a desobediência de Eva é



reparada com a obediência de Maria. Eva representava a inobediência e a sexualidade. Maria reunia as características de submissão, humildade e recato, pois a liberdade sexual representava uma ameaça para a vida pessoal e a ordem social. “Maria, em razão de uma escolha aparentemente livre, deixa-se domesticar. Este é o modelo a ser seguido pelas cristãs” (Silvia TUBERT, 1996, p. 102).

Encontra-se em Maria o referencial oposto a Eva, restaurando a condição das mulheres que seguem o seu exemplo. Para John Baldock (2009, p. 199), “a intensidade da devoção de Maria em setores cristãos está refletida no vasto corpo de material extra bíblico escrito sobre ela”. A sobreposição de Maria (virgindade) em relação a Eva (sexualidade) também pode ser percebida em suas representações artísticas, como a imagem de Nossa Senhora das Graças, ou Nossa Senhora da Conceição, quando aparece com os pés sobre a cabeça de uma serpente, que é o próprio mal encarnado, o antigo modelo feminino que deve ser superado e esquecido. É o arquétipo e o ideário dos atributos marianos sobre a condição decaída de Eva. Para Swain (2000, p. 43), é a “figura hierática da mulher em suas vestes talaras, de pés sobre o mundo, esmagando e dominando a serpente sob seu calcanhar”.

**Figura 1:** Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora das Graças



Fonte: Franciscanos: Solenidade a Nossa Senhora da Conceição. Disponível em: <<http://www.franciscanos.org.br/?p=29210>> Acessado em 11/02/2016; Ave Luz. Disponível em: <<http://aveluz.ning.com/>> Acessado em 11/02/2016.



A serpente representa, nesse contexto, a figura de Eva que está sendo sobrepujada ao novo e idealizado referencial feminino. É o novo símbolo ancorado no antigo. Conforme Bronislaw Baczko (1985, p.325) afirma, “os símbolos só são eficazes quando assentam numa comunidade de imaginação. Se esta não existe, eles têm a tendência a desaparecer da vida colectiva ou, então, serem reduzidos a funções puramente decorativas”.

Segundo Bloch (1995), a “fascinação” sobre a virgindade de Maria representava uma preocupação constante na teologia sacramental medieval. Dessa forma, é possível perceber que tanto nos primórdios do cristianismo quanto da Idade Média, tem-se grande investimento na construção dos dogmas marianos, como a maternidade divina de Maria, que foi reconhecida no concílio da Calcedônia, em 451, e o dogma da Virgindade Perpétua de Maria, reconhecida no concílio Constantinopolitano II, no ano de 553.

Para Tubert (1996), o significado etimológico da palavra *virgem* não se traduz como ausência de relações sexuais, na qual o termo *vir* (força e vitalidade) com o termo *gen* (linhagem) podem estar correlacionados. A palavra está relacionada com as antigas lendas das mulheres guerreiras, como as amazonas. A *parthenos* (virgindade) grega não era a mulher sem atividade sexual, mas independente, que não pertencia a nenhum homem. “A palavra tem uma conotação de força e autosuficiência. As virgens não tinham um homem, embora tivessem uma grande quantidade de divindades masculinas como parceiros” (Silvia TUBERT, 1996, p. 101).

Ainda de acordo com a autora, a virgindade de Maria modifica essa noção antiga que implica a ausência de atividade sexual. Dos quatro dogmas atribuídos às antigas deusas (castidade, promiscuidade, maternidade e sede de sangue), a tradição católica conserva dois dogmas para Maria (castidade e maternidade). Lembremos de Lilith (promiscuidade e sede de sangue) que foi substituída por uma sexualidade feminina (Eva) domesticada e controlada pelo marido. Após a descoberta da sua sexualidade, Eva é condenada a gerar e parir filhos submetendo-se a Adão (Silvia TUBERT, 1996).

Larissa Leal (2015) destaca que os clérigos da igreja incentivavam as mulheres que desejavam se casar a se manterem puras até o matrimônio. Porém, a melhor maneira era seguir o exemplo de Maria:



permanecer virgem e tornar-se esposa de Cristo, seguindo a vida religiosa e abrindo mão do matrimônio. Para se manter pura, a mulher poderia se *autocustodiar*, isto é, era preciso que elas buscam repelir os maus costumes, tendo, como modelo, o exemplo mariano.

Desse modo, a figura da Virgem Maria ocupa papel de destaque no cristianismo católico, sendo o seu maior ícone feminino. Ela é frequentemente apresentada com os atributos de submissão, maternidade, pureza e recato, em que parece afirmar a ideia de um ambiente doméstico reservado, em especial, às suas seguidoras.

Por sua vez, Ventorim (2005) chama a atenção para o fato de Maria ser um ideal inatingível pelas mulheres comuns, surgindo assim, durante a Idade Média, certo investimento na devoção e culto da figura de Maria Madalena, a pecadora arrependida, que demonstra que a salvação é possível para todos que abandonam uma vida cheia de pecados.

Dessa forma, Maria “concorre” com outro arquétipo para a redenção das mulheres, que emerge no medievo e encontra lugar entre seus atributos e o de Eva. Macedo (2002, p. 73) relata que “entre as figuras de Eva e Maria tem sido interposta a da pecadora arrependida, Maria Madalena, progressivamente exaltada no ocidente. Seu culto ganha impulso a partir do século XI”. Dessa forma, devotava-se à imagem da prostituta que foi tocada pela palavra de Cristo e arrependeu-se de todo coração.

Para Ventorim (2005), o culto a Maria Madalena, no ocidente, surgiu na igreja de Vézelay, onde estariam enterrados os seus restos mortais, uma ideia difundida pelo abade Geoffroi no século XI, que em 1050 obteve a autorização para o culto a Madalena.

De acordo com Dalarun (1990), Madalena era mais necessária para as mulheres, para quem as vias de salvação eram tão difíceis. Entre a porta da morte e a da vida, Madalena é um caminho para a redenção, ao preço da confissão, do arrependimento e da penitência. O seu pecado é o da carne, da lascívia, da luxúria, da prostituição e foi por meio de acusar a si própria pelos pecados (confissão) que ela foi salva e, dessa maneira, transforma-se num agente de redenção.

Dalarun (1990, p. 50) ainda nos diz, por intermédio do texto redigido por volta do ano 1000, atribuído a Odão de Clunny, que é:

...pela mão da mulher a morte, mas pela sua boca o anúncio da



ressurreição. Maria, sempre virgem, nos abre a porta do paraíso, do qual a maldição de Eva nos excluía. Também o sexo feminino desembarçou do seu opróbrio por Madalena [...] é a ‘sua língua piedosa’ que se torna ‘porteira do céu’; é ela e já não Maria, que abre as portas do paraíso a qualquer penitente que, portanto consista no arrependimento.

Maria Madalena se torna o estereótipo típico de pecadora arrependida e o arrependimento é o instrumento para as mulheres terem acesso aos céus, após se entregarem à luxúria, ao pecado e a Satanás. “Tem-se o sentimento de que as mulheres, sob os auspícios de Madalena, devem se resgatar duas vezes em vez de uma: por serem pecadoras e por serem mulheres” (Jacques DALARUN, 1990, p. 53). A figura de Maria Madalena demonstra a pecadora arrependida e a mulher promíscua<sup>2</sup> que encontra redenção ao abandonar sua vida de pecados para dedicar-se a Deus.

Madalena se apresenta como um referencial mais acessível às mulheres, pois, embora pecadoras como Eva e não mais “virgens” como Maria (tendo em vista não ser possível biologicamente dar à luz mantendo-se virgem), permite esperanças de salvação ao se arrependerem de seus pecados. Mesmo assim, seu culto e devoção tiveram de se ancorar no modelo mariano de submissão (ao homem e a Deus) e recato (reprimir sua sexualidade) para conseguir alguma credibilidade. Nesse sentido, Maria é o modelo de feminilidade seguido pela própria Madalena para se legitimar como outro referencial feminino.

Dessa forma, Maria é construída como modelo ideal, inalcançável e arquetípico para as mulheres da cristandade católica que, por meio dos investimentos da Igreja em relação a ela, lhe reservou o status de figura feminina mais importante dessa tradição religiosa, sobrepondo

---

<sup>2</sup> De acordo com Baldock (2009, p. 204), “Ao longo dos séculos, a imagem popular de Maria Madalena ficou tão enfeitada que a pessoa apresentada nos Evangelhos mal é reconhecida: em um extremo ela se torna a “prostituta arrependida”; no outro, a amante ou esposa de Jesus e mãe de seus filhos [...]. Até onde os autores dos evangelhos se atêm, Maria Madalena pertencia ao grupo de mulheres que foram curadas por Jesus e lhe proviam sustento com seus bens pessoais, a ele e a seus discípulos. No caso de Maria, ela foi curada de ‘sete demônios’”. (Ver maiores informações em: BALDOCK, John. *Mulheres na Bíblia – Atos Heróicos, Nascimento Miraculosos, Confrontos, Rivalidades e Amor Verdadeiro*. M. Books do Brasil Editora Ltda., São Paulo, 2009.)



os outros modelos (Lilith, Eva e Madalena). Esse imaginário mariano foi veiculado, principalmente, pelos meios de informação e comunicação na sociedade, por intermédio das iconografias, literatura, músicas, artes plásticas e visuais, teatro, cinema, novelas, entre outros. Isso contribuiu para que o imaginário mariano como *ethos* dedicado ao feminino se naturalizasse e adquirisse valor de verdade na sociedade, reservando às mulheres posição desigual em relação aos homens.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi posto, para as mulheres encontrarem lugar na economia da salvação, elas deveriam seguir o *ethos* mariano de “boa moça”, ou seja, dedicar-se a uma vida sem prazeres carnis; sexo só em prol da reprodução e uma vida dedicada ao recato e submissão ao marido/homem, à maternidade e ao cuidado dos filhos e do lar. Pois tudo que escapa a esse *ethos* construído para as mulheres é condenado e condenável, merecendo punição, exclusão e, até mesmo, sofrer quaisquer tipos de violências, porque estão mais próximas de Eva, a desobediente, mentirosa, lasciva e agente do demônio.

Isso se justifica quando percebemos a objetificação da mulher por parte da sociedade (tanto homens quanto mulheres) e as discussões em torno da sexualidade. Debates acalorados se desenvolvem nas redes sociais, famílias, igrejas e escolas sobre o uso de roupas curtas como motivadores do assédio sexual e estupro, em que, muitas vezes, a vítima é culpabilizada por ter provocado e incitado o estuprador.

A sexualidade ao ser exercida e, principalmente divulgada, produz efeitos diferentes, quando relacionados a homens e mulheres. Os primeiros, ao desenvolverem e praticarem sua sexualidade e com inúmeras parceiras, normalmente são valorizados, o que lhes confere *status* de “pegador” ou “comedor”. Em sentido oposto, identificamos as mulheres que, ainda hoje, em sua grande maioria, ao buscarem autonomia sobre sua vida sexual (mantendo vários parceiros) são tachadas de “vagabundas”, ou “por não se darem o respeito”. Ou seja, o imaginário feminino está intimamente ligado à sexualidade, em que a ausência de práticas sexuais femininas se configura quase que sinônimo de bom caráter e honra, diferentemente do caso masculino. Essas imagens remetem ao



que foi construído em relação a Eva e Maria e à dualidade: sexo/virginidade, diabólico/divino, desonra/honra etc.

Dessa forma, tanto a adolescente de 14 anos de idade, que foi humilhada pelo promotor, quanto a vítima de estupro coletivo, foram agredidas tendo como cerne central a sexualidade feminina. Os tipos de violência que as adolescentes sofreram partiram de homens que estão inseridos num imaginário misógino e que criam privilégios masculinos e *status* de poder (dignos de uma cultura patriarcal), fazendo que se sentissem no direito de exercer seus privilégios e funções “moralizadoras”.

Esses casos são situações que as mulheres vivenciam em seu cotidiano, que tem raízes nos modelos de feminilidade que foram construídos na Idade Média. A sexualidade, a sensualidade e o corpo feminino ainda são condenados e condenáveis nos dias de hoje em nossa sociedade, pois remetem à depreciação, violência, exclusão etc. Esse imaginário está ancorado no modelo de Eva (mas também de Lilith), condenadas pela forma como conduziram sua relação com Adão e Deus, seja a rebeldia ou a desobediência.

Mesmo as mulheres que se submetem ao modelo mariano não conseguem se libertar das amarras da cultura patriarcal, tendo em vista que a construção em torno dos atributos de Maria tende a controlá-las, em que “mulher de respeito” é aquela que se submete ao marido, ao homem e a Deus. A mãe de Jesus apresenta as marcas que uma sociedade patriarcal destina à mulher, que anula a participação do feminino nas decisões políticas ou posições de liderança e poder, sujeitas às imposições masculinas que são legitimadas pelas Escrituras e os ministros da Igreja. Pois, “como acontece em todas as Igrejas dos santos, estejam caladas as mulheres nas assembleias, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a Lei” (BÍBLIA, Coríntios, 14: 33-34).

## REFERÊNCIAS

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação Social**, Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.

BALDOCK, John. **Mulheres na Bíblia** – Atos Heróicos, Nascimentos Miraculosos, Confrontos, Rivalidades e Amor Verdadeiro, São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda., 2009.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Coríntios**, São Paulo: Editora Paulus, 2004.





- \_\_\_\_\_. **Gênesis**, São Paulo: Editora Paulus, 2004.
- BLOCH, R. Howard. **Misoginia Medieval e a invenção do Amor**, Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- BRETAS, Valéria. Justiça crítica promotor por humilhar vítima de estupro. **Revista exame**, 08/09/2016. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/justica-denuncia-promotor-por-humilhar-vitima-de-estupro> Acessado em: 10/09/2016.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**, Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- CUSTÓDIO, Pedro Prado. A misoginia na Idade Média: Bruxaria, alguns aspectos religiosos e sociais. **Acta Científica, Engenheiro Coelho**, v. 21, n. 3, p. 21-31, set./dez., 2012. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/actacientifica/article/view/74/74> Acessado em: 11 de set. de 2016.
- DALARUN, Jacques. Olhares de Clérigos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). **História das mulheres: A Idade Média**, Porto: edições afrontamento, 1990.
- DELUMEAU, Jean. Os agentes de Satã III: a mulher. In: DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente: 1300-1800**, São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- DUBY, Georges. **Eva e os padres**, São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 168.
- FARGETE, Séverine. Eva Lilith e Pandora o mal da sedução. **Revista História Viva**. Duetto, n. 12, São Paulo, 2006.
- FARIA, Marcos Fabio de. Behemoth, Lilith e Anjos: três monstros judaicos em Jorge Luis Borges. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, out., 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/1701/1786> Acesso em 11 de set. de 2016.
- GAINES, Howe Janet. **A história de Lilith, a primeira mulher de Adão que foi banida da Bíblia**, 09/04/2012. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/anaoxum/a-historia-de-lilith-a-primeira-mulher-de-ado-que-foi-banida-da-bblia> Acessado em 11 de set. de 2016.
- G1 RIO. Vítima de estupro coletivo no Rio conta que acordou dopada e nua. **G1 globo.com**. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-counta-que-acordou-dopada-e-nua.html> Acessado em 10/09/2016.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**, Rio de Janeiro: UERJ, 2002, p. 17-44.
- LARAIA, Roque de Barros. Jardim do Éden revisitado. **REVISTA DE ANTROPOLOGIA**, São Paulo, USP. V. 40, nº. 1.1997.
- LEAL, Larissa do Socorro Martins. As várias faces da mulher no Medievo. **Linguagem, educação e memória**. V. 2, Nº. 3 DEZEMBRO DE 2012. Disponível em: <http://www.giacon.pro.br/lem/EDICOES/03/Arquivos/larissaleal.pdf> Acesso em 11 de set. de 2016.
- LIMA, Raquel dos Santos Sousa; TEIXEIRA, Igor Salomão. Ser mãe: o amor materno no discurso católico do século XIX. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 113-126,





jun., 2008. Disponível em: <[http://www.pucminas.br/documentos/horizonte\\_12\\_artigo\\_05.pdf](http://www.pucminas.br/documentos/horizonte_12_artigo_05.pdf)>. Acesso: 10 agosto de 2016.

LOPES, Kelly Thaysy Cabral; POSSEBON, Fabrício. A serpente mítica: o confronto entre o consciente e o inconsciente de Jung. **Diversidade Religiosa**, v. 1, n. 2, 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/dr/article/view/19908/11327> Acessado em 11 de set. de 2016.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**, São Paulo: Contexto, 2002.

MUCHEMBLED, Robert. Com o Diabo na História. In: **Revista História viva**: Duetto, n. 12, São Paulo, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatamy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n.º. 29, p. 9-27, 1995.

RASPANTI, Márcia Pinna. “As filhas de Eva” e a cultura do estupro. História Hoje.com. 21 de setembro, 2016. Disponível em: <http://historiahoje.com/as-filhas-de-eva-e-a-cultura-do-estupro/> Acessado em: 18 de nov. de 2016.

SICURETI, Roberto. **Lilith, a Lua Negra**, São Paulo: Paz e Terra, 1985.

SOIHET, Rachel. Formas de Violência, Relações de Gênero e Feminismo. In: MELO, Hildete Pereira de; PISCITELLI, Adriana; MALUF, Sônia Weidner; PUGA, Vera Lucia (Orgs.). **Olhares feministas**, Brasília: Ministério da Educação; UNESCO, 2007.

SWAIN, Tânia Navarro. **De Deusa a Bruxa: Uma História de Silêncio**, Brasília: UNB, 1998.

TUBERT, Silvia. **Mulheres sem sombra: maternidade e novas tecnologias reprodutivas**, Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. Visão sobre as mulheres na sociedade Ocidental. **Revista Ártemis**, n. 3, dez. de 2005. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2209/1948> Acessado em: 11 de set. de 2016.

VENTORIM, Eliane. Misoginia e Santidade na Baixa Idade Média: os três modelos femininos no Livro das Maravilhas (1289) de Ramon Llull. **Mirabilia**, n. 5, jun./dez., 2005. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/Mirabilia/article/view/283512/371432> Acessado em: 11 de set. de 2016.

WILLEMS, Emílio. **Matriarcado e Patriarcado**. In: Dicionário de Sociologia Globo, Porto Alegre: Editora Globo, 1977.

Submetido em: 19-9-2016

Aceito em: 5-12-2016